

ENTREVISTA

Lia Diskin / Divulgação



Lia Diskin

Biografia:

Lia Diskin é formada em Jornalismo, com especialização em Crítica Literária, pelo Instituto Superior de Periodismo José Hernandez, de Buenos Aires. Recebeu Medalha da Associação Cultural Internacional Gibran (ACIGI) por "Acrescentar ao Progresso do Ocidente a Sabedoria do Oriente" (1986). Diploma de Reconhecimento da UNESCO pela contribuição nas áreas de Direitos Humanos e Cultura de Paz (2008). É cofundadora da Associação Palas Athena. Criadora de dezenas de programas assistenciais e sócioeducativos. Coordenadora do Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz - um programa da UNESCO. Escritora e conferencista internacional.

Entrevistador:

Aldenora Conceição de Macedo

A missão que desafia a Educação: Promover a Cultura de Paz

Publicado em: RCC #18 · v. 6 · n. 3 · agosto 2019

1. Revista *Com Censo* (RCC) - Que princípios circundam a ideia de cultura de paz e de que modo suas aplicações estão presentes – ou ausentes – no ambiente e currículos escolares? Considera a violência nas escolas um sintoma?

Lia Diskin - Respeitar a vida; Rejeitar a violência; Ser generoso; Ouvir para compreender; Preservar o planeta; Redescobrir a solidariedade. Estes seis princípios norteiam o movimento mundial pela Cultura de Paz, promovido pela UNESCO e lançado nas comemorações do 50º Aniversário da Declaração dos Direitos Humanos.

A aliança entre esse movimento e as pesquisas sobre a paz, iniciadas como disciplina sistemática após a Segunda Guerra Mundial, abriu espaço para a criação de grupos de estudo, centros de investigação e cátedras nas maiores universidades do mundo. Nas áreas da Educação, adquiriu interesse exponencial, sendo que as primeiras iniciativas no Brasil ocorreram na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade de Ponta Grossa.

Toda essa mobilização internacional tem continuidade e consolidação dentro do "Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz", aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1999, que propõe oito eixos temáticos de referência, a saber:

1. Cultura de Paz através da Educação.
2. Economia Sustentável e Desenvolvimento Social
3. Compromisso com todos os Direitos Humanos
4. Equidade entre os gêneros
5. Participação Democrática
6. Compreensão – Tolerância – Solidariedade
7. Comunicação Participativa e Livre Fluxo de Informações e Conhecimento
8. Paz e Segurança Internacional

Desnecessário dizer que este é um programa de longo alcance, cujo objetivo inicial é desvendar, tornar visíveis as violências que se perpetuam pela omissão e/ou aceitação de condições humilhantes como sendo próprias das dinâmicas sociais, inevitáveis ou, pior ainda, intrínsecas à natureza humana. Exclusão, marginalização e desqualificação são frutos de escolhas historicamente deliberadas, e hoje há um aumento da percepção das violências e de suas consequências perversas.

As escolas são “caixas de ressonância”, nelas se amplificam as frustrações naturais frente às desigualdades crescentes que começamos a perceber graças às novas tecnologias de informação e comunicação.

Porém, um segundo objetivo ou missão norteia a Cultura de Paz, sem dúvida o principal: implementar em todos os setores da sociedade novas tecnologias de convivência que viabilizem o respeito à diversidade e à singularidade cultural, espiritual e de representações de mundo.

2. RCC - Como você destacaria a importância destas questões na formação dos profissionais de educação?

Lia Diskin - Nunca se viveu mudanças e transformações tão radicais em um curto espaço de tempo – 30 ou 40 anos – quanto as que estão em curso. A mais desconcertante para educadores e mães e pais de família é que as novas gerações detêm competências e, consequentemente, poder sobre dinâmicas e fluxos de informação que as mais velhas não possuem, já que as ferramentas para ter acesso à realidade que hoje se apresenta não estavam disponíveis anteriormente. Isso cria tensão, conflituosidade crescente.

Transformação e mudanças exigem que possamos compreender, avaliar e planejar movimentos em busca de determinados fins. Isto, por sua vez, gera resistências por parte dos atores que se adjudicam privilégios através do uso abusivo do poder, do controle e da apropriação indevida da verdade.

O papel do educador necessariamente desloca-se para o de mediador de habilidades e conhecimentos e, nesse sentido, tem de ser dialógico, aberto às inovações, contradições, incertezas e potencialidades que toda criança e jovem abriga dentro de si.

Cultivar a satisfação em aprender, descobrir, criar, talvez seja a missão precípua de toda escola e todo lar. Conectar o educando com o impulso natural que caracteriza a nossa espécie: querer saber! Isso nos levou a fabricar microscópios, telescópios, a chegar à lua e, agora, nos impulsiona a querer pisar em Marte. Mas também nos está conduzindo à degradação e ameaça a sustentabilidade da vida em nosso planeta... E essa percepção já fica evidente para as gerações mais novas, que levantam suas vozes frente a parlamentos e espaços públicos dizendo “Não nos roubem o nosso futuro!”. Eis

um senso de responsabilidade e de responsabilização que não esperávamos ouvir de quem chegou há tão pouco tempo a este palco da vida.

3. RCC - Nas pesquisas e publicações da Associação Palas Athena sobre cultura de paz, quais lacunas você identifica, o que avançou e por que algumas delas ainda resistem? Haveria alternativas para superação destas lacunas?

Lia Diskin - A despeito dos horrores que os meios de comunicação teimam em exibir diariamente, há uma outra realidade que, de modo quase anônimo, está sendo constituída e protagonizada por redes criativas de solidariedade e comprometimento. A isso somam-se conquistas no espaço de políticas públicas, como são o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); a Lei Maria da Penha; os direitos dos movimentos LGBTI; os vários centros de diálogo inter-religioso; a neurodiversidade e inclusão escolar de crianças com necessidades específicas; o protagonismo da juventude afrodescendente em coletivos, universidades, parlamentos, corporações e, desde já, nas artes; cooperativas agrícolas e de saúde pública... Tudo isso está em marcha, mas não é suficiente.

Uma das lacunas que persiste e cresce de maneira perversa e sorrateira são as desigualdades, a concentração de renda em um ápice da pirâmide social cada vez menor e a dificuldade cada vez maior de mecanismos sociais que ofereçam oportunidades justas para fortalecer e qualificar a atuação de redes locais de desenvolvimento.

Quando somamos isto ao avanço das migrações de populações inteiras por razões políticas, econômicas, religiosas, climáticas, por calamidades ou simples sobrevivência, o cenário demanda urgência em deixar de lado antagonismos e focar em arquiteturas de políticas cooperativas comprometidas com soluções dignas, capazes de atender o contexto global-local.

Quanto às publicações da Palas Athena Editora, procuramos evidenciar as contribuições substantivas da Justiça Restaurativa; da Comunicação Não Violenta; dos Jogos Cooperativos; da Biologia Cultural; da Mediação e Transformação dos Conflitos; dos múltiplos caminhos da espiritualidade oferecidos pelas diversas culturas.

4. RCC - Sobre Educação Cidadã Contemporânea, o que vem a ser o termo e de que maneira a Associação busca contribuir ao debate sobre questões como: convivência, ética, diversidade, cooperação, novos modelos mentais?

Lia Diskin - É inegável que a globalização e a mundialização desencadearam processos opostos, tais como a dominação e a solidariedade; por um lado permite a homogeneização das culturas locais e, de outro lado, fortalece a luta de identidades étnicas e religiosas, a fim

de preservar suas características autóctones. Liberdades e fanatismos caminham se espreitando mutuamente por territórios de fronteiras desconhecidas.

A cidadania necessariamente será planetária, e a educação tem a missão inequívoca de despertar um sentimento de pertença ao que o professor Edgar Morin chamou Terra-Pátria – o espaço que abriga e sustenta o macro projeto Vida, no qual a nossa espécie é hóspede, como o são as inúmeras outras manifestações de existência. Nutrir esse sentimento de pertença nos solidariza com tudo quanto vive, e do qual dependemos para nossa própria sobrevivência.

A avidez, a soberba, a busca de poder, a avareza enceguecem e, portanto, distorcem a percepção de realidade. Educar para a convivência, promover a ética da reciprocidade na diversidade, fortalecer a cooperação, é educar para a sobrevivência da humanidade, da nossa espécie.

A Cultura de Paz visa recuperar a lucidez e enxergar as consequências desastrosas que acarretam a exclusão; a dominação; que alimentam o medo para se obter obediência; a discriminação; o escárnio e o deboche que humilham e tiram dignidade e respeito.

5. RCC - Se cultura de paz não se trataria somente da ausência de conflito, o que você tem a dizer sobre as práticas das instituições em geral que mais enfatizam a mediação e o enfrentamento de conflitos, e menos na promoção de uma paz estrutural, cuja concepção passa pela erradicação de desigualdades e promoção da cidadania?

Lia Diskin - Acredito que a mediação tem por finalidade favorecer o processo de comunicação entre as partes. O que não é fácil, pois nem sempre há clareza naquilo que se quer expressar. A Psicologia ofereceu uma contribuição significativa às técnicas de comunicação, e ambas criaram, na década de 1970, os primeiros métodos de mediação. Hoje, felizmente, há varas de justiça que contam com equipes de mediadores, e essa modalidade também está presente nas escolas públicas e privadas. Em

algumas delas, o mediador escolar é um aluno da classe que foi capacitado para tal propósito, ajudar seus colegas a dirimir situações que poderiam provocar confrontos e escaladas de violência.

Desse modo, a Mediação e Transformar Conflitos são mecanismos pedagógicos da própria Cultura de Paz, que opera tanto nas violências interpessoais quanto nas culturais, simbólicas e estruturais. Desnaturalizar a violência é o primeiro passo para conseguir responsabilizar, isto é, detectar causas e agentes da ação. Estes, às vezes, estão historicamente muito distantes, e nesse caso podemos afirmar que a violência é um fenômeno de raiz cultural que se aprende, se imita, se reproduz, se recria, se reinventa. Um exemplo claro é o que presenciamos hoje nas redes sociais virtuais.

6. RCC - Qual sua leitura sobre os desafios da Educação, quando se trata de intolerância e cultura de paz no Brasil contemporâneo?

Lia Diskin - “Não percebemos que não percebemos”, afirma o físico e filósofo Heinz von Foerster, após concluir testes biofísicos sobre o vínculo entre ilusão e percepção. Nessa mesma linha de raciocínio, a Dra. Maria Cristina Ravazzola, médica psiquiatra e terapeuta familiar, diz que a repetição de padrões de conduta indesejados se torna possível devido ao fato de os protagonistas não verem que não veem, e seguirem uma lógica que eles percebem como coerente - o que lhes impede de tomar consciência do significado e das consequências prejudiciais de seus próprios comportamentos.

A boa notícia é que, nestas últimas décadas, as neurociências, os estudos focados nas emoções e a integração de saberes - como sociobiologia, etologia, antropolítica e bioética - criaram metodologias participativas que promovem a visibilidade, a compreensão e a mobilização em torno de valores, atitudes, comportamentos e aspirações que inviabilizam argumentos xenófobos, preconceituosos, excludentes ou discriminatórios – “Não há caminho para a paz; a paz é o caminho”. ■